

## Ser Português

O povo português, com os seus passos, transformou-se em ideias realistas que levantaram a bandeira de Portugal aos melhores momentos da humanidade. As marcas das veias no nosso corpo, que simbolizam a eternidade do nome lusitano, representam muitos que continuaram e continuam esse legado, que lutaram pelo respeito do povo e da língua portuguesa, que nos asseguraram o devido direito de expressão e de liberdade.

Guimarães foi o primeiro território que teve o privilégio de ter no seu solo as pegadas do nosso primeiro herói, o rei D. Afonso Henriques, o primeiro a levantar a espada portuguesa. Desde então, o Condado Portucalense transformou-se numa alma única, que foi ganhando, ano após ano, características singulares que exprimimos através da riqueza da nossa língua e da nossa cultura e que nos unem e distinguem além-fronteiras. Neste momento, mais de duzentos e cinquenta milhões de pessoas falam português e mais de nove mil milhões de pessoas em todo o mundo conhecem o nome Portugal.

Na literatura portuguesa houve sempre uma preocupação, sempre uma pergunta à procura de explicações, uma pergunta que não tem resposta e que todos, em algum momento, começamos a questionar: "Afinal, o que é ser português? O que nos define enquanto povo?". Atrevo-me, também eu, a procurar respostas: ser português é saber que Portugal é um país pequeno, mas que cresceu ao longo do tempo e que possui um dos maiores territórios aquáticos, desde os Açores até às ilhas Selvagens. É ter o direito de afirmar que já governamos meio mundo e que, por não termos a pontualidade dos britânicos, o rigor dos suíços ou até mesmo a exuberância dos espanhóis, não significa que sejamos um país inferior, mas pelo contrário, somos um país corajoso e acolhedor.

Ser português é gostar de coisas simples, como ouvir os pássaros a chilrear, o galo a cantar e o sino a tocar, tudo em harmonia para nos despertar. É ouvir as velhinhas criticarem tudo e todos só para manifestarem opinião. É sentir o cheirinho da padaria a preparar os pãezinhos que iremos comer; é

sentar-se à beira mar e apreciar a brisa esplêndida do oceano a bater na nossa cara, um oceano tão nosso! É ir para casa, sentar-se no sofá e ver a novela das nove horas. Ser português é ter saudades do frio quando está calor, das canjas e dos chazinhos das avós, das saídas com os amigos para beber uma cerveja com o “camarão dos pobres” - os tremoços. É ter orgulho de ver jogadores de futebol na televisão, atletas a pular e a correr como “animais bravos”. É apreciar como os nossos ciclistas conseguem andar de bicicleta horas a fio e ver vários desportos e celebridades nas capas das revistas e jornais. É votar de quatro em quatro anos e esquecer em quem se votou para dizer mal dos mesmos. Podemos acrescentar outras características que qualificam este bravo povo, por exemplo: os melhores escritores e escritoras que fazem magia com as palavras; os melhores atores e atrizes que enchem a televisão de emoções; apresentadores e apresentadoras que animam os telespectadores e que se fazem da família...

Estes tempos atuais têm-nos trazido impaciência para com aqueles que nós amamos, têm-nos trazido ansiedade, discussões e conflitos por não sabermos de onde veio este enigma, como foi criado e há quanto tempo existe. Porém, não nos podemos desesperar, pois temos de ser os heróis da atualidade, ajudando-nos uns aos outros, pois a cooperação é o que mais precisamos nesta fase.

Se nós estamos a sofrer, imaginemos também os milhares de refugiados que se encontram fora do seu meio e da sua cultura na expectativa de terem uma oportunidade para viver, um chão que os acolha, um direito para se expressarem. Pensemos em Malala, uma criança que conseguiu sair da sua terra com uma bala no crânio, mas que soube transformar as suas lágrimas em oportunidades para as outras meninas que não tinham o direito de ir à escola. Ela interrogou os atos cruéis de muitos humanos e fez valer a importância da educação que tanto lutou para conseguir. Que nunca nos esqueçamos de uma das suas frases célebres: “Uma criança, um professor, um livro e um lápis podem mudar o mundo”. A educação é fundamental, é a nossa maior arma e é através dela que adquirimos os valores cívicos que tanto necessitamos para lidarmos uns com os outros, em paz e harmonia. Como Malala, existem outras mulheres que estão na frente de batalha, lutando pelos seus direitos, por um mundo mais justo e desenvolvido ao nível da ciência e da cultura.

Nós, enquanto portugueses que somos, não podemos baixar os braços aos problemas globais, porque estamos em toda a parte do mundo, dando provas de que somos bons entre os melhores. Ao longo dos séculos, o nosso povo sempre demonstrou muita bravura. Da mesma forma continuará a lutar com todas as suas forças para que o mundo seja melhor, para que a humanidade seja mais solidária e o planeta mais sustentável. Vários sociólogos e psicólogos concordam que a maneira de pensar e de agir das sociedades irá melhorar, mas há sempre quem discorde e afirme que seremos ainda mais intolerantes, porque, como estamos muito tempo em casa e convivemos pouco, poderemos perder o dom da sociabilidade. Para não entrarmos nesse ponto de rotura, teremos de nos focar em aspetos importantes, como a educação e valorizá-la ainda mais, mesmo que seja à distância. Devemos aproveitar para escrever, desenhar, pintar e redescobrir atividades que já não fazíamos há algum tempo. Temos de ser criativos para nos redescobrirmos. Aprendemos com a pandemia que nada está garantido e que temos de apreciar o facto de termos um país em paz, com liberdade, educação, alimentação... que tantos não têm.

Mas, afinal, quem são os nossos heróis? Quem defendeu e continua a defender a coragem e a ousadia dos lusitanos? Quem nos orgulha enquanto nação? Quem se manteve e mantém como modelo para todos nós? Segundo Camões são os que lutaram para estenderem o território; são os reis que dilataram a fé cristã pelo mundo fora; são os navegadores que atravessaram mares nunca antes navegados e enfrentaram obstáculos inimagináveis. Diria eu que é também o próprio Camões, o escritor da nossa nação, testemunho das viagens mais incertas do planeta Terra, poeta que é o símbolo de Portugal e que se tornou imortal usando a sua pena; são, mais recentemente, os soldados e capitães de abril que defenderam a pátria contra os antidemocratas e que se opuseram contra um regime que nos oprimia. Estes heróis de um passado recente continuarão a ser intemporais enquanto Portugal existir. E hoje, de quem nos orgulhamos? Dos médicos, dos enfermeiros e dos restantes profissionais relacionados com a saúde que, com grande bravura, arriscando a sua vida, se encontram na linha da frente no combate à pandemia. Por estes heróis da atualidade, temos uma enorme gratidão, por não desistirem no meio da batalha, por lutarem e resistirem enquanto houver um sopro de vida nas

suas mãos. São também heroicos os que têm de tomar decisões difíceis para guiar a sociedade, os que têm de continuar a trabalhar em condições adversas e os que obedecem conscientemente fazendo o seu melhor para o bem comum.

Desde há muitos séculos que vários heróis portugueses superaram as suas forças para conseguirem atingir o que parecia impossível. É dessa capacidade que nos fala Camões em *Os Lusíadas* e que todos nós temos de honrar, enfrentando com coragem as circunstâncias adversas da vida, para continuarmos a merecer o estatuto de herói coletivo de que fala o nosso poeta maior, que personifica o que é ser português.